

ESTUDOS EPIDEMIOLÓGICOS ENTRE GRUPOS INDÍGENAS DE RONDÔNIA. III.  
PREVALÊNCIA DE ENTEROPARISITAS ENTRE OS KARITIANA.

CEDI - P. I. B.
DATA 03, 09, 86
COD. KT/D04

Carlos E.A. Coimbra Jr. (1)

Ricardo Ventura Santos (2)

Ronan Tanus (2)

## R E S U M O

Foram realizados 74 exames parasitológicos de fezes entre o grupo indígena Karitiana, Estado de Rondônia. Os resultados obtidos revelaram a presença dos seguintes parasitas: Ascaris lumbricoides (16,2%), Trichuris trichiura (1,3%), Ancilostomídeo (1,3%), Strongyloides stercoralis (1,3%), Hymenolepis nana (1,3%), Giardia lamblia (19,0%) e Entamoeba histolytica (12,2%). Quanto aos protozoários intestinais comensais, as seguintes espécies foram encontradas: Entamoeba coli (55,4%), Chilomatix mesnili (6,8%), Iodamoeba butshlii (21,6%) e Endolimax nana (6,8%). Os resultados são discutidos e comparados com os de outros autores, obtidos em diferentes grupos indígenas.

## I N T R O D U Ç Ã O

Em face das profundas mudanças que vêm se processando entre populações indígenas brasileiras, tanto a nível sócio-econômico-cultural como biológico, deu-se início a uma série de trabalhos que visam fornecer subsídios para uma avaliação dos efeitos que se produzem sobre a saúde destas populações após o contato com a sociedade nacional.

Especialmente no Estado de Rondônia, as grandes levadas migratórias que para lá têm sido orientadas, oriundas principalmente de estados do sul, têm interagido de diversas maneiras com

Trabalho realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e Fundação Nacional do Índio.

- (1) Pesquisador do CNPq. Secretaria da Saúde de Rondônia (78.900). Porto Velho-RO
- (2) Núcleo de Medicina Tropical Universidade de Brasília. Cx.Postal 15.2965 - (70.919) Brasília - DF

as populações nativas da região. Porém, em linhas gerais, o que se observa em quase todas as aldeias é um depauperamento acelerado do estado da saúde e nutricional da população, o qual se dá, pelo menos durante o início do contato com a "civilização", em decorrência de epidemias de gripe, sarampo e tuberculose.

Referente ao estudo das enteroparasitoses em populações indígenas, os poucos autores que têm-se preocupado com a questão, têm verificado a ocorrência de numerosas espécies de helmintos e protozoários, além da frequente associação entre mais de uma espécie de parasita.

Nesse trabalho, apresentamos os resultados de um inquérito coparassitológico realizado entre o grupo indígena Karitiana e discute-se os resultados obtidos, comparando-os aos de outros autores que também desenvolveram seus trabalhos entre populações indígenas no Brasil.

#### MATERIAL E MÉTODOS

Os Karitiana foram primeiramente contactados em fins do século passado e início deste por seringueiros e caucheiros que, ao explorarem as matas em busca do valioso látex, entraram em conflito com os indígenas da região.

Inicialmente, formavam um grande grupo, também chamado de Ariken ou Arikemes, juntamente com os Karipuna, como registra Hugo (1961). Em decorrência dos constantes ataques armados por parte dos seringueiros, assim como de discórdias internas no grupo, espalharam-se pelas cabeceiras dos rios Candeias e Jamari no ensejo de escaparem às perseguições que lhes moviam os regionais, membros da sociedade nacional.

Quando encontrados por Rondon, em 1909, a população estava reduzida a 60 indivíduos (Lopes, 1925), enfraquecidos e doentes. Foram então agrupados em quatro aldeamentos e mantidos sob sua proteção. Entre 1950 e 1953, ficaram os Karitiana nas proximidades do médio rio Candeias, afluente do Jamari (junho, 1969).

Atualmente, vivem em uma reserva demarcada pela Fundação Nacional do Índio, o Posto Indígena Karitiana com 89.698 hectares, em Rondônia. A população é de 84 indivíduos (CIMI, 1980), e vive em uma aldeia às margens do igarapé Sapoti, afluente do rio das Garças, por sua vez, tributário do rio Candeias. Do outro lado do igarapé em frente à aldeia, fica o Posto da FUNAI, com a sede, enfermaria, escola e depósito de materiais.

Para a realização deste trabalho, o tempo de permanência no campo foi de três dias (19 a 21 de julho 1983), quando en

tão foram colhidas fezes para exames parasitológicos e bacteriológicos, sangue para pesquisa sorológicas e, confeccionados esfregaços sanguíneos e gotas espessas, e colhidas amostras de secreção oro-nasofaríngea para pesquisas bacteriológicas.

Neste trabalho será descrito apenas o resultado dos exames coproparasitológicos, ficando os demais para serem publicados posteriormente.

Para a coleta das fezes foram usados recipientes plásticos contendo formol 10% e transportados para o laboratório no Núcleo de Medicina Tropical da Universidade de Brasília, onde foram realizados os exames. A técnica utilizada foi a de sedimentação de Lutz.

## R E S U L T A D O S

Foram realizados 74 exames parasitológicos das fezes. Os resultados obtidos evidenciaram a presença de cinco espécies de helmintos, além de seis espécies de protozoários, sendo dois deles parasitas, e quatro comensais (Tabela 1 e 2).

Do total de exames realizados, a porcentagem de positivos foi de 43,2% (32). As espécies encontradas foram: Ascaris lumbricoides (16,2%), Trichuris trichiura (1,3%), Ancilostomídeos (1,3%), Strongyloides stercoralis (1,3%), Hymenolepis nana (1,3%), Entamoeba histolytica (12,2%) e Giardia lamblia (19,0%).

Na faixa etária de 1 a 10 anos, foi verificado o índice de prevalência mais elevado (51,9%), enquanto que nos indivíduos entre 11 e 15 anos, a prevalência foi de 42,8% e os maiores de 15 anos, 42,4% de positividade. Entre os menores de 1 ano, dos 7 exames feitos, obteve-se apenas um positivo, para A. lumbricoides.

A frequência de associação de enteroparasitismo foi baixa, 9,5% do total de exames realizados (Tabela 3).

Quanto aos protozoários intestinais não patogênicos, E. coli foi o mais frequente, tendo sido evidenciado em 55,4% dos exames. Os demais, foram menos prevalentes, estando o C. mesnili presente em 6,8%, I. butshlii em 21,6% e E. nana em 6,8%.

## D I S C U S S Ã O

Os resultados obtidos no presente trabalho não estão de acordo com aqueles encontrados por outros autores em outras áreas indígenas no Brasil.

Dentre as espécies de helmintos identificadas na população, o A. lumbricoides foi de maior prevalência (16,2%), o que está muito abaixo em relação a outras áreas indígenas, como demons

tram trabalhos de Neel et al. (1968) entre Xavante (70,0%), Lawrence et al. (1980) entre os grupos Ticuna (48,0%), Kashinawa (60,0%), e Kanamari (68,0%), entre outros. Em Rondônia, Coimbra Jr. & Mello (1981) registraram entre o grupo Suruí uma frequência de parasitismo por esta espécie de 53,3%.

Quanto aos Ancilostomídeos, encontramos apenas 1 paciente parasitado, o que representa 1,3 % do total de exames feitos. Em contraposição, os dados de Neel et al. (1968) para os Xavantes (96,7%), Lawrence et al. (1980) para os Ticuna (98,0%), Kashinawa (60,0%), e Kanamari (72,0%), assim como os de Coimbra Jr. & Mello (1981) para os Suruí (43,3%) são bem destoantes se comparados aos resultados obtidos entre os Karitiana.

Para as demais espécies de helmintos, os dados obtidos também revelaram uma baixa prevalência de parasitismo na população - T. trichiura (1,3%), S. stercoralis (1,3%) e H. nana (1,3%).

Referente ao parasitismo por protozoários intestinais, a prevalência de 12,2% de casos positivos para E. histolytica, e de 19,0% para G. lamblia estão mais de acordo com os resultados obtidos para outras populações indígenas. No entanto, as prevalências variam muito de um grupo para outro. Como exemplos extremos da variação, podemos citar os trabalhos de Coimbra Jr. & Mello (1981) que registraram para os Suruí um índice de 0,5% de positividade para E. histolytica, enquanto que Lawrence et al. (1980) encontraram em uma aldeia Yanomama 76,0% de positividade para a mesma espécie. Provavelmente, esta discrepância seja decorrente de falhas técnicas, uma vez que nem sempre é possível estabelecer o diagnóstico de protozooses intestinais com precisão, principalmente quando o mesmo é feito no campo.

Com respeito a epidemiologia de enteroparasitoses em áreas indígenas, um aspecto deve ser sempre lembrado: os grupos indígenas da Amazônia eram de hábitos nômades ou semi-nômades antes do contato com sociedades de cultura ocidental. Esse comportamento é relevante, uma vez que, em face das condições sanitárias e hábitos higiênicos apresentados por populações nômades, é de se esperar que ocorra um aumento da contaminação do solo no domicílio e peridomicílio por ovos, larvas e cistos, a partir do momento em que estes se sedentarizam após o contato com a sociedade nacional. Como observa Alland Jr. (1969), "nômades tendem a deixar seus dejetos para trás. Povos sedentários vivem em maior contato com seus próprios refulgos".

Entre os Karitiana, era de esperar que as enteroparasitoses constituíssem um problema mais grave, tendo em vista o longo período de contato que este grupo mantém com a sociedade nacional.

Tal fato porém não se verificou. Dentre os fatores que pudemos observar e que devem estar relacionados a esta questão são:

- a) Ao contrário da maioria dos Postos Indígenas da região o P.I. Karitiana dispõe de uma infraestrutura sanitária boa, com água encaçada na enfermaria, escola e sede do Posto. Além disso, existem privadas e fossas higiênicas no Posto.
- b) A atual enfermeira do Posto tem promovido tratamentos com os anti-helmínticos de que dispõe (Tiabendazol, Mebendazol ou Piperazina) na população. Esses tratamentos, apesar de empíricos, uma vez que nunca foram realizados exames de fezes rotineiros, têm mostrado eficazes, como ficou demonstrado através dos resultados obtidos no presente trabalho. Porém, a prevalência de protozoários intestinais, tanto parasitas como comensais, se mostrou elevada, o que indica a existência de fontes de infecção que deverão ser identificadas e eliminadas.

Em face das condições expostas acima, acreditamos que para melhorarmos a ação profilática contra enteroparasitoses nessa comunidade, seria desejável aperfeiçoar a estrutura sanitária já existente e promover o tratamento em massa da população com anti-helmínticos de amplo espectro. Para tal, é recomendável a realização de exames laboratoriais, que irão não apenas avaliar a eficácia da ação profilática, como também revelarão os casos de giardíase e amebíase, que exigirão uma terapêutica específica.

Por tratar-se de uma comunidade fechada, é provável que com a adoção dessas medidas seja possível controlar estas parasitoses, mantendo-as em um baixo grau de endemicidade.

#### S U M M A R Y

In this work 74 stool specimens were examined for intestinal parasites among the Karitiana Indians from the State of Rondonia, Brazil. The results revealed the following species of parasites: Ascaris lumbricoides (16,2%), Trichuris trichiura (1,3%), Ancilostomídeos (1,3%), Strongyloides stercoralis (1,3%) Giardia lamblia (19,0) and Entamoeba histolytica (12,2%). Four species of intestinal commensal protozoans were also detected: Entamoeba coli (55,4%), Iodamoeba butshlii (21,6%) and Endolimax nana (6,8%). The results are discussed and compared with those obtained by other authors among different Brazilian Indian population.

## A G R A D E C I M E N T O S

Aos Karitiana, pela hospitalidade e apoio durante os trabalhos de campo.

À enfermeira, Sra. Aulenca Júlia de Figueiredo, ao Chefe do Posto Indígena Karitiana, Sr. Ricardo Lopes Gusmão, e ao Sr. Amauri Vieira da 8ª Delegacia Regional da FUNAI em Porto Velho, pelo apoio logístico.

## B I B L I O G R A F I A

- ALLAND JR., A., 1969 Ecology and Adaptation to Parasitic Disease. In: Environment and Cultural Behavior (A.P. Vayada, ed.). The Natural History Press, New York.
- CIMI, 1980. População Indígena da Amazônia. Porantin (Conselho Indigenista Missionário), ano III, nº 23, out./1980.
- COIMBRA Jr., C.E.A. & MELLO, D.A., 1981. Enteroparasitas e Capillaria sp. entre o Grupo Suruí, Parque Indígena Aripuanã, Rondônia. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, 76(3): 299-302.
- HUGO, V., 1961. I Caritiana. Anthrops, 56:278-280.
- HUGO, V., 1969 Desbravadores. vol. II. Edição da Missão Salesiana de Humaitã. Amazonas.
- LAWRENCE, D.N.; NEEL, J.V.; ABADIE, S.H.; MOORE, L.L.; ADAMS, L. J.; HEALY, G.R.; & KAGAN, I.G., 1980. Epidemiologic Studies Among Amerindian Populations of Amazônia. III. Intestinal Parasitoses in Newly Contacted and Acculturating Villages. Am. J, Trop Med Hyg., 29(4): 530-537.
- LOPES, R., 1925. Les Indiens Arikêmes. Proceedings of the International Congress of Americanists, XXI, Göteborg, pp. 630-642.
- NEEL, J.V.; MIKKELSEN, W.M.; RUCKNAGEL, D.L.; WINSTEIN, E.D.; GOYER, R.A. & ABADIES, S.H., 1968. Further Studies of the Xavante Indians. VIII. Some Observations on Blood, Urine and Stool Specimens. Amer. J. Trop. Med. Hyg., 17(3): 474-485.

TABELA Nº. 1

PREVALÊNCIA DE ENTEROPARASITÓSES ENTRE O GRUPO INDÍGENA KARITIANA, RONDÔNIA, JULHO DE 1983

FAIXA ETÁRIA ( ANOS )	ESPÉCIES DE PARASITAS ENCONTRADOS							TOTALS		
	Al	Tt	Anc.	Ss	Hn	Eh	Gl	EXAMES FEITOS	(+)	(-)
Menor de 1	1 (14,3%)	-	-	-	-	-	-	7	1 (14,3%)	6 (85,7%)
1 - 10	4 (14,3%)	1 (7,6%)	1 (3,6%)	1 (3,6%)	-	4 (14,3%)	7 (25%)	27	14 (51,9%)	13 (48,1%)
11 - 15	-	-	-	-	1 (14,3%)	-	2 (28,6%)	7	3 (42,8%)	4 (57,2%)
Maiores de 15	7 (21,9%)	-	-	-	-	5 (15,6%)	5 (15,6%)	33	14 (42,4%)	19 (57,6%)
TOTALS	12 (16,2%)	1 (1,3%)	1 (1,3%)	1 (1,3%)	1 (1,3%)	9 (12,2%)	14 (19%)	74 (100%)	32 (43,2%)	42 (56,8%)

( ) Porcentagens Tt - Trichuris trichiura Anc - Ancilostomidae

Al - Ascaris lumbricoides Ss - Strongyloides stercoralis Hn - Hymenolepis nana

Eh - Entamoeba histolytica Gl - Giardia lamblia

TABELA Nº 2

PREVALÊNCIA DE PROTOZOÁRIOS NÃO PATOGENICOS ENTRE O GRUPO INDÍGENA KARITIANA, RONDÔNIA, JULHO DE 1983.

PROTOZOÁ- RIOS FAIXA ETÁRIA (ANOS)	<u>ENTAMOEBAS</u> <u>COLI</u>	<u>CHILONASTIX</u> <u>MESNILI</u>	<u>IODAMOEBAS</u> <u>BUTSHLII</u>	<u>ENDOLIMAX</u> <u>NANA</u>
Menor de 1	1 (1,35%)	-	-	-
1 - 10	14 (18,9%)	2 (2,7%)	6 (8,1%)	3 (4,1%)
11 - 15	4 (5,4%)	1 (1,4%)	1 (1,4%)	0 (0%)
Maior de 15	22 (28,35%)	2 (2,7%)	9 (12,15%)	2 (2,7%)
TOTAL	41 (55,4%)	5 (6,8%)	16 (21,6%)	5 (6,8%)



TABELA Nº 3

FREQUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DE ENTEROPARASIToses ENTRE O GRUPO INDÍGENA KARITIANA, RONDONIA,  
JULHO DE 1983

FAIXA ETÁRIA ( ANOS )	Nº DE ESPÉCIES DE PARASITOS ENCONTRADOS		TOTAIS		
	1	2	EXAMES FEITOS	(+)	(-)
Menor de 1	1	-	7	1 (14,3%)	6 ( 85,7%)
1 - 10	10	4	27	14 (51,9%)	13 (48,1%)
11 - 15	3	-	7	3 (42,8%)	4 (57,2%)
Maior de 15	11	3	33	14 (42,4%)	19 (57,6%)
TOTAIS	25 (33,8%)	7(9,5%)	74	32 (43,2%)	42 (56,8%)